



A franquia estreia na Max com sátira humana sobre as produções gigantes de Hollywood, e nomes como Sam Mendes, Daniel Brühl, Jessica Heynes e Jon Brown comentam

“O que eu gosto de *A franquia* é que tem a comédia e a sátira, mas, ainda assim, celebra os horários terríveis, os dias longos, filmar à noite e tudo mais. É bom ver um retrato disso e como isso afeta as pessoas”, destaca Armando Iannucci, produtor executivo da série conhecido com um dos criadores do sucesso da comédia *Veep*. “Em eventos como o Oscar e o Emmy, você celebra parte das pessoas, a maioria dos mais celebrados está na tela, por exemplo. No entanto, há toda uma equipe que você sabe que é quem faz acontecer”, completa.

Há algo de muito pessoal também em pessoas que já trabalharam nos bastidores abrirem essa porta dos fundos de Hollywood. “Eu trabalhei nos últimos 15 anos da minha carreira de roteirista. Nem tudo era o que eu queria fazer, então eu prometia que não investiria esforço maior do que fazer o meu melhor trabalho possível. Porém, no momento que você bota a caneta no papel, você está doando uma parte sua para o projeto. É assim que eles te pegam, é impossível não se jogar de cabeça naquilo”, confidencia Jon.

A crítica pode ser feroz quando o resultado não é bom. Entretanto, isso não significa que o trabalho dos nomes pequenos que passam rápido nos créditos do final do filme não foi bom. “As pessoas podem ter críticas sobre o resultado dessas sagas e franquias, mas posso garantir

que cada um que entra para o projeto está tentando fazer o absoluto melhor que pode”, crava o criador. “O que parte o coração é quando você vê o produto final e questiona para onde foi todo aquele talento e trabalho duro. O sistema em que essas pessoas ganham a vida é disfuncional e está quebrado”, critica.

Crise no cinema de heróis?

Se a série tivesse sido lançada no auge do cinema da Marvel, a discussão seria diferente. A fase que vive o cinema de heróis é de baixa e a série acaba sendo mais uma punhalada nesse formato que tem sido o favorito nos ataques da crítica e fãs. No entanto, Sam Mendes nega que isso é uma crise. “Não acho que Hollywood está em crise, acho que é uma evolução de como são feitos esses tipos de filmes”, fala o diretor. “Só é uma crise, se as pessoas pararem de ir aos cinemas, e as pessoas não pararam. Elas apenas estão limitando o que querem ver nas telonas.”

O vencedor do Oscar de 2000 por *Beleza Americana* acha que a demanda mudou e, por isso, tem sido mais difícil agradar o público fã dos heróis. “A demanda agora é por um espetáculo grandioso, imersivo, atordoante e sensorial de entretenimento. Isso é particular do cinema agora, porque você consegue ter praticamente qualquer

coisa em uma tela grande em casa. O espaço que os filmes têm que ocupar é mais estreito”, classifica. “Pessoalmente, isso me empolga menos. Porém, outras pessoas pensam diferentes”, opina.

As mudanças no consumo de cinema precisam ser acompanhadas por alterações na indústria. “Quando eu cresci, apenas um filme popular tinha várias sequências: o 007. Atualmente, as pessoas têm relações profundas com sagas que duram por anos e décadas em alguns casos”, lembra Mendes, que não faz juízo de valor a esses grandes universos. “Não dá para tirar valor do amor pela narrativa que nos faz mergulhar em um universo. Isso não é insignificante, apenas diferente. As pessoas querem estar por dentro das histórias e querem ter um momento alheio das próprias vidas”, propõe.

“Alguns desses filmes podiam ser melhores? Sim! Existe alguma forma de eles serem feitos de forma mais funcional? Sim! Contudo, ainda há possibilidade de um *Pantera Negra* ou um *Batman: o cavaleiro das trevas* sair disso também desafiando o modelo. Ou seja, é possível contar histórias que refletem bem sua realidade usando um mundo ficcional e completamente imaginário. Só é muito difícil”, desenvolve o diretor. Sam Mendes aproveita o espaço para fazer o apelo: “Se a vontade é fazer esse tipo de filme, pelo menos façamos eles bons ao invés de só fazê-los”.